A paisagem sonora no futebol: mulheres torcedoras nos jogos de punição do Sport Club do Recife

Soraya Barreto Januário

Professora no Departamento de Comunicação e no PPGCOM da Universidade Federal de Pernambuco. Pós-doutorado no Institute for Gender, Sexuality and Feminist Studies (IGSF), Montreal, Canadá. Doutora em Ciências da Comunicação. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível C.

Email: soraya.barreto@ufpe.br

Rodrigo Carreiro

Professor no Departamento de Comunicação e no PPGCOM da Universidade Federal de Pernambuco. Pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor em Comunicação. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível C.

Email: rodrigo.carreiro@ufpe.br

Resumo

Este artigo analisa a paisagem sonora de três jogos do Sport Club do Recife, com torcida quase exclusivamente feminina, em 2023. Uma punição ao clube proporcionou um contexto único para investigar como a ausência de uma maioria de homens no estádio altera a dinâmica sonora e comportamental da torcida. O estudo se ancora na etnografia feminista e nos estudos do som, tendo como ponto de partida uma revisão conceitual dos estudos de futebol. Nas análises, feitas a partir de observação participante e gravações da torcida realizadas nas três partidas, observamos a persistência de elementos misóginos e heteronormativos, como cantos com pronomes masculinos e xingamentos homofóbicos, evidenciando a força da cultura futebolística masculina tradicional. Contudo, notamos também uma atmosfera mais acolhedora e inclusiva, com menos brigas e xingamentos, além de maior diversidade nos cânticos e elogios, com certa hipersexualização aos jogadores.

Palavras-chave: futebol de mulheres; etnografia feminista; paisagem sonora; torcida; cultura torcedora.

The Soundscape of Football: Women Fans at Sport Club do Recife's Punishment Games

Abstract

This article analyzes the soundscape of three Sport Club do Recife matches with an almost exclusively female audience in 2023. A punishment imposed on the club provided a unique context to investigate how the absence of a male majority in the stadium alters the sound dynamics and behavior of the fans. The study is grounded in feminist ethnography and soundscape studies, starting with a conceptual review of soccer studies. In the analyses, conducted through participant observation and recordings of the fans during the three matches, we observed the persistence of misogynistic and heteronormative elements, such as chants with masculine pronouns and homophobic slurs, evidencing the strength of traditional male football culture. However, we also noticed a more welcoming and inclusive atmosphere, with fewer fights and insults, as well as greater diversity in chants and praises, with a certain hypersexualization of players.

Keywords: women's soccer; feminist ethnography; soundscape; soccer fans; soccer fans culture.

Introdução

Após marcar um gol e atirar um tênis em direção à torcida do Sport Club do Recife (PE), durante os acréscimos do segundo tempo, o atacante Raniel (Vasco-RJ) iniciou uma cadeia de eventos que levou a uma experiência inédita para os torcedores do time rubro-negro pernambucano. A atitude do atleta, em 16 de outubro de 2022, provocou a invasão de campo pela torcida adversária, e uma consequente punição ao clube recifense. A pena, determinada após julgamento ocorrido em janeiro do ano seguinte, pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), incluiu a realização de três jogos em que só foi permitida a entrada, no estádio Adelmar da Costa Carvalho (Ilha do Retiro), de mulheres, crianças e pessoas com deficiência (PCD). Torcedores homens tiveram acesso proibido ao campo, nas partidas contra Botafogo (SP), ABC (RN) e Avaí (SC), entre maio de julho de 2023 (Peixoto, 2023).

Foi apenas a segunda vez que tal punição foi adotada, na história do futebol brasileiro; medida semelhante tinha sido tomada após um clássico paranaense que registrou briga entre torcedores do Coritiba e do Athletico, no mesmo ano de 2022 (Teixeira, 2023). A punição, portanto, acabou por nos proporcionar uma oportunidade singular de observação etnográfica, com o objetivo central de analisar de que formas a exclusão de homens — tradicionalmente maioria, em jogos de futebol —, dentro do estádio, modificam dinâmicas de comportamento e sociabilidade dentro dos grupos de torcedores.

O estudo foi realizado por duas pessoas-pesquisadoras-torcedoras, que frequentam estádios de futebol, caracterizando uma pesquisa etnográfica e de observação participante. Uma meta crucial da pesquisa era compreender como as mulheres se expressam e experienciam o futebol no espaço clubístico, tradicionalmente masculino, através dos sons que produzem e com os quais interagem. A pesquisa, fruto da colaboração entre dois grupos de pesquisa — o Obmídia UFPE[1] e o Lapis[2] —, busca integrar diferentes olhares sobre os fenômenos midiáticos e socioculturais. Enquanto o Obmídia UFPE fomenta o debate em torno das questões de gênero, o Lapis volta-se para a análise de produtos e fenômenos audiovisuais e sonoros.

A autora e o autor, ambos torcedores do Sport Club do Recife, vivenciam o clube e o universo do futebol em suas múltiplas dimensões, desde a presença nas arquibancadas até a interação com as redes sociais oficiais e das torcidas. Por óbvio, apenas a autora pôde estar presente nas três partidas analisadas. Durante os jogos, tomou notas daquilo que via e ouvia, e realizou gravações em áudio e vídeo. Essas vivências proporcionaram experiências variadas e únicas a cada ida ao estádio, enriquecendo as reflexões apresentadas.

Ao compreendermos o futebol como artefato cultural e enquanto pedagogia cultural (Louro, 2008), a pesquisa se ancora nas epistemologias feministas, buscando romper com a objetividade positivista e masculinista que historicamente permeou a ciência (Rodrigues; Menezes, 2013; Barreto Januário, 2022). Neste sentido, nos alinhamos à perspectiva de Donna Haraway (1995) sobre a objetividade corporificada e situada, e propomos uma escrita científica que reconhece sua parcialidade e o valor do conhecimento situado, explicitando a importância das vivências femininas — inclusive as suas próprias — para a compreensão do fenômeno futebolístico.

É importante perceber o futebol como espaço de disputa simbólica, no qual as relações de poder e as identidades de gênero são constantemente negociadas e ressignificadas. Assume-se, assim, a

[1] Observatório de Mídia: gênero, democracia e direitos humanos da UFPE. Mais informações: https://obmidia.org/.
[2] Laboratório de Pesquisa de Imagens e Sons. Mais informações: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/237882.

relevância das experiências interseccionais (Collins; Bilge, 2021) na produção de conhecimento. Derivado de um projeto de pesquisa mais amplo, este artigo investiga as práticas, identidades e performances de torcedoras nos estádios. No presente trabalho centraremos nossa análise nos estudos do som, nomeadamente da paisagem sonora dos estádios (Marra, 2016).

A compreensão do futebol exige ir além da sua dimensão social, demandando também uma análise que o reconheça como fenômeno cultural (Franco Júnior, 2014). Elias e Dunning (2005) demonstram que o futebol, enquanto fenômeno sociocultural, influencia diversos segmentos da sociedade e práticas sociais. Todavia, é pertinente destacar que a modalidade se configurou historicamente como um espaço masculino (Goellner, 2005; 2021; Pope, 2011), marcado por processos de socialização e práticas patriarcais que construíram uma narrativa masculinista em torno do esporte (Bandeira, 2010).

O futebol é um jogo permeado por regras, táticas e estratégias, mas transcende a dimensão meramente esportiva e abarca questões sociológicas e antropológicas complexas (Elias; Dunning, 2005). Nesse contexto, destaca-se que o futebol, com sua imensa capacidade de gerar novas práticas, rituais e comportamentos, constrói uma cultura que se manifesta de formas variadas, inclusive por meio do som. Essa dimensão sonora, muitas vezes negligenciada, é fundamental para a experiência do torcedor e para a construção de identidades (Marra, 2016). Nuances que vão de cânticos misóginos a xingamentos homofóbicos, atravessadas por gritos e performances musicais, compõem a paisagem sonora dos estádios. A combinação desses elementos constitui expressão genuína da cultura futebolística, e reflete a paixão, os ritos, a identidade, a história de cada clube e de sua torcida.

Pedro Marra (2016) analisa os sons emitidos pelos torcedores nos jogos de futebol, enfatizando a interação entre os elementos acústicos e a experiência dos indivíduos dentro do espaço dos estádios. O autor destaca que a paisagem sonora (Schafer, 2012) do futebol é dinâmica, complexa e multifatorial, oscilando a partir de variáveis como o contexto sociocultural, a importância do jogo no momento do torneio, a posição dos times da tabela, os fluxos de ataque e defesa dentro da partida, as características de cada torcida, e outras. Marra (2016) defende a importância de que a paisagem sonora de estádios de futebol seja decodificada e estudada como elemento constitutivo da experiência completa do futebol, ressaltando que as dinâmicas e fluxos sonoros dentro do estádio constituem elementos fundamentais para a construção de atmosferas (Gumbrecht, 2014), para a vivência dos torcedores e para a expressão da identidade dos clubes e das torcidas, incluindo a construção e o reforço de um modelo de masculinidade heteronormativo.

Com efeito, por muito tempo, as mulheres foram excluídas do universo do futebol (Goellner, 2005; 2021). A conquista da presença feminina nos estádios é resultado de lutas feministas e muita resistência por direitos e espaços (Goellner, 2005; Bonfim, 2019). O crescente número de mulheres e meninas nas arquibancadas nas últimas décadas evidencia essa transformação (Barreto Januário, 2019). Dessa forma, objetivamos observar a paisagem sonora dos "jogos de punição" do Sport Club do Recife, durante o campeonato brasileiro de 2023.

Ao reconhecer os estádios de futebol como um ambiente comunicacional heterogêneo (Nascimento, 2020), no qual gestos, sons, narrativas, rituais e experiências se entrelaçam de forma hierarquizada, esta pesquisa se estrutura em torno de duas questões centrais: 1) Analisar a cultura e rituais de torcida, investigando como as relações de gênero se manifestam nas dimensões sonoras que constituem a *performance* torcedora das mulheres do Sport Club do Recife; 2) Compreender a paisagem sonora do Estádio Adelmar da Costa Carvalho, durante os jogos de punição com torcida majoritariamente feminina.

Enquanto recorte de objeto de pesquisa, delimitamos os três jogos realizados no Estádio da Ilha do Retiro, com público restrito a mulheres, crianças e pessoas com deficiência (PCDs). As partidas ocorreram entre os meses de maio e julho de 2023, contra os times rivais de Botafogo-SP, ABC-RN e Avaí-SC. Além da observação participativa, decorrente da presença em campo da primeira autora nas partidas citadas, também analisamos gravações em áudio dos jogos, feitas pela pesquisadora, e vídeos disponibilizados pelo Sport Club do Recife, no canal oficial que a equipe mantém no YouTube.

A pesquisa se caracteriza como uma etnografia fundamentada na vertente crítica da antropologia feminista (Bonetti, 2009), a qual, por meio da identificação de convenções de gênero, relações de poder e repertórios simbólicos, possibilita a análise do universo do futebol e das práticas de torcer. Bonetti (2009, p. 109) destaca que a antropologia feminista, ao combinar-se com uma teoria da prática que considera a agência humana como cultural e politicamente construída (Ortner, 2006), coloca as relações e práticas de poder no centro da análise. A escolha da antropologia feminista como referencial teórico-metodológico se justifica pela compreensão de que as subjetividades de quem pesquisa, narra e observa estão intrinsecamente ligadas ao processo de produção de conhecimento. Essa perspectiva dialoga com as epistemologias feministas, ao desafiar as hierarquias de gênero e questionar as normas e valores que sustentam as assimetrias em diferentes contextos culturais.

A etnografia busca a imersão do pesquisador no ambiente social e se torna ainda mais rica ao incorporar a perspectiva da paisagem sonora (Schafer, 2012). Essa abordagem se mostra relevante quando o foco da pesquisa se concentra na cultura, nas práticas e nas experiências sensoriais de um grupo social, como é o caso do presente estudo sobre a participação feminina no futebol. A perspectiva etnográfica, atenta à dimensão sonora da experiência, amplia a compreensão sobre a participação das mulheres no futebol, revelando nuances e significados que poderiam passar despercebidos em uma análise tradicional.

Para a coleta de dados, utilizou-se uma abordagem metodológica combinada, composta por observação participante, diário de campo, entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos, gravações de áudios e vídeos. Observamos e registramos os sons, cantos, gritos, conversas e demais elementos que compõem a paisagem sonora de um fenômeno sociocultural, visando captar os diversos sentimentos, experiências e observações realizadas durante os jogos.

O texto está dividido em quatro seções. Na primeira, abordaremos o conceito de "jogos de punição", forjado na mídia e pelas entidades esportivas, bem como suas implicações e motivações. Na segunda, trabalhamos o conceito de paisagem sonora (Schafer, 2012), aplicando-o à dinâmica da prática esportiva, discorrendo sobre como os sons produzidos em um estádio de futebol ajudam a modular a qualidade rítmica do espetáculo midiático (Marra, 2016). Na terceira, partiremos para análise do "fazer-se torcedora", traçando um breve estado da arte em torno do sentido de torcida e cultura torcedora (Vimieiro, 2023), bem como nos modos como os fluxos sonoros são fundamentais nos processos dinâmicos de construção e agenciamento de identidades. Por fim, na quarta seção, faremos a análise dos dados coletados durante as três partidas em que a torcida do Sport Club do Recife foi composta sem a presença de homens, analisando de forma comparativa a paisagem sonora dos jogos.

Jogos de punição: punir se conjuga com o substantivo feminino?

Cabe iniciar o debate em torno dos "jogos de punição", refletindo sobre o sentido do ato de punir. O termo "jogos de punição" (ou *punishment games*) tem origem em discussões sobre práticas disciplinadoras ou punitivas que envolvem elementos lúdicos (Gachter et. al, 2008). Esse conceito é explorado em diversos contextos, incluindo psicologia, sociologia, educação e até mesmo em narrativas culturais, como literatura e mídia. A historicização do termo exige considerar seu uso em diferentes campos e épocas. Michel Foucault, em sua aclamada obra *Vigiar e Punir* (1999), analisa as transformações históricas nas práticas de punição, especialmente no contexto das sociedades ocidentais modernas. O filósofo argumenta que houve uma transição do uso da punição corporal explícita (típica de regimes soberanos) para formas mais sutis e disciplinadoras de controle (características de sociedades modernas). Esses sistemas visam não apenas punir, mas também regular e moldar comportamentos, incorporando mecanismos simbólicos e invisíveis de poder.

Foucault (1999) historiciza o ato de punir passando desde a punição como espetáculo, falando sobre o período pré-moderno, no qual a punição era pública e violenta, buscando reafirmar a autoridade soberana. E onde a execução de penas corporais funcionava como um espetáculo que intimidava as massas e reforçava o poder central. Passando pela disciplinarização do corpo enquanto advento da modernidade, neste sentido, a punição deixou de ser física e pública, deslocando-se para instituições como prisões, escolas, sanatórios e fábricas. Essas práticas enfatizavam a vigilância e a disciplina, moldando corpos e mentes para torná-los mais úteis, dóceis e produtivos. Outro conceito observado por Foucault como ato de punição foi a existência do panóptico[3], baseado no projeto de prisão idealizado por Jeremy Bentham no século XVIII, como metáfora para as sociedades modernas de controle. A vigilância constante, mesmo que invisível, leva os indivíduos a internalizar as normas e disciplinar a si mesmos, tornando-se uma espécie de "cúmplices" de sua própria submissão. O autor observa que a punição como controle social constitui o tipo "mais moderno" de punição, que não é apenas retributiva, mas um ato preventivo, corretivo e normalizador, funcionando como parte de um sistema maior que regula comportamentos e mantém o poder.

Este último nos parece o modelo utilizado pelas entidades esportivas do futebol, ao punir os clubes de futebol com partidas sem a presença de torcedores, normalmente devido a infrações como comportamentos violentos da torcida, preconceitos ou outras violações das normas esportivas. As consequências destas punições passam pela perda de receita, já que a ausência da torcida impacta diretamente as finanças do clube, que deixa de arrecadar com a venda de ingressos. Há desvantagem esportiva; mesmo jogando em casa, a falta de apoio da torcida pode afetar o desempenho do time em campo, que perde o incentivo e a pressão positiva que a torcida exerce sobre o adversário. E o mais simbólico: há prejuízo à imagem do clube, já que as punições acabam manchando a imagem perante a opinião pública, e podem afetar a relação com patrocinadores e parceiros.

A punição que restringe o acesso aos estádios apenas a mulheres, crianças e pessoas com deficiência, em resposta a atos de violência de torcedores, tem se tornado cada vez mais frequente no Brasil. Essa medida, como dito, implementada pela primeira vez em 16 de fevereiro de 2022, após um episódio de violência no clássico paranaense entre Athletico e Coritiba, suscitou debates sobre a relação entre gênero e violência no futebol. Em decorrência do confronto entre torcedores rivais, ambos os

[3] Uma construção circular com uma torre central, de onde uma pessoa pode vigiar e observar todos os prisioneiros, que ficam em celas individuais e iluminadas.

clubes foram punidos pelo Tribunal de Justiça Desportiva do Paraná (TJD-PR), com a perda de mando de campo no Campeonato Paranaense de 2023. O Athletico, inclusive, sofreu uma segunda punição por registrar novos incidentes de violência na partida contra o Maringá. Todavia, os dois clubes conseguiram reverter a decisão do TJD-PR, permitindo a presença de mulheres e crianças de até 12 anos nas partidas, mediante a doação de 1 kg de alimento não perecível. Essa flexibilização da pena evidencia a associação da violência nos estádios ao gênero masculino e às masculinidades brutalizadas, conforme apontado por Raewyn Connell (2020).

Gustavo Andrade (2010, p. 349) analisa a violência como forma de socialização no futebol, destacando a relação entre as práticas torcedoras masculinas e a construção de masculinidades viris em diferentes contextos. A violência nos estádios de futebol é um problema persistente que tem raízes profundas em uma cultura esportiva marcada pela masculinidade hegemônica e pela exaltação de valores como agressividade, força física e dominação. Essa masculinidade, como definida por Connell (2020), se impõe como um padrão normativo que molda as relações de gênero e perpetua desigualdades, inclusive no contexto do futebol.

Diversos autores, como Andrade (2010), Bandeira (2010), Pope (2011) e Barreto Januário (2019), têm apontado a influência da masculinidade hegemônica na cultura futebolística. As práticas e os discursos que permeiam o esporte muitas vezes reforçam estereótipos de gênero e naturalizam a violência como uma forma de expressão masculina (Barreto Januário, 2019). Os cânticos das torcidas, as narrativas da mídia esportiva e até mesmo as regras do jogo podem contribuir para a construção de um ambiente em que a agressividade é valorizada e a demonstração de emoções como medo ou tristeza é reprimida. Além disso, ao observarmos o âmbito da sonoridade, ela também se manifesta de forma capacitista, ao reforçar normas corporais, comportamentais e sociais que excluem e marginalizam pessoas com deficiência. Isso ocorre por meio de diferentes práticas e discursos que associam o "verdadeiro torcedor" a um corpo normativo, forte, ativo, autônomo e agressivo. Estas práticas contribuem para a invisibilização e deslegitimação da presença de torcedores e torcedoras com deficiência nesse espaço.

Elias e Dunning (2005), na obra *A busca da excitação*, exploram a relação entre o futebol e a descarga de emoções. Os autores argumentam que o esporte pode servir como uma válvula de escape para as tensões e frustrações do cotidiano, mas também pode ser um palco para a manifestação de comportamentos agressivos e violentos. No caso do futebol, a atmosfera de rivalidade e competitividade podem intensificar essas emoções, levando a excessos e conflitos.

A violência nos estádios, portanto, não pode ser vista como um fenômeno isolado, mas sim como um reflexo de uma cultura que associa masculinidade à agressividade e à dominação (Connell, 2020). Para combater esse problema, é fundamental questionar os padrões da masculinidade hegemônica e promover uma cultura esportiva mais inclusiva e igualitária, como defendem Goellner (2005) e Bandeira (2010). É preciso desconstruir a ideia de que a violência é uma característica inerente ao futebol e criar espaços em que a paixão pelo esporte possa ser expressa de forma pacífica e respeitosa.

A presença crescente de mulheres nos estádios, como apontado por Barreto Januário (2019), é um fator importante nesse processo de transformação da cultura futebolística. As mulheres, ao ocuparem espaços tradicionalmente masculinos, desafiam as normas de gênero e contribuem para a construção de um ambiente mais diverso e acolhedor. A análise das experiências e práticas das mulheres no futebol, como proposto por Rodrigues e Menezes (2013), é fundamental para a construção de um conhecimento mais amplo e inclusivo sobre o esporte.

Neste âmbito, a presença maciça de mulheres nos jogos com portões fechados para homens oferece uma oportunidade singular para observar o estádio e a torcida, suas práticas e manifestações, sob uma nova perspectiva. A análise da dinâmica da torcida nesses jogos pode revelar aspectos importantes sobre a construção de identidades femininas no futebol, a desconstrução de estereótipos de gênero e a transformação da cultura futebolística.

Em contextos como o demarcado pela presente pesquisa, em que mulheres participam predominantemente como torcedoras, podemos argumentar que os "jogos de punição" simbolizados como um espaço esportivo — tradicionalmente masculino (Pope, 2011) — exerce vigilância e controle sobre quem pertence ou é valorizado no ambiente futebolístico. O rótulo de "jogo de punição" para eventos em que se troca a experiência sem torcida para outra, com público predominantemente de mulheres, pode ser lido como uma expressão de poder simbólico, reforçando quem é "merecedor" de atenção, recursos e legitimidade. Para Foucault (1999;2004), o poder está presente até mesmo nas sutilezas da linguagem e nos modos como as relações sociais são organizadas. Mesmo que a intenção aparente seja ofertar uma outra experiência para mulheres, crianças e pessoas PCD, numa perspectiva binária e de uma feminilidade enfatizada (Connell, 2020) e dócil (Foucault, 1999), podemos pensar nesses jogos como espaços de luta simbólica contra a normatização da exclusão.

A presença majoritária de mulheres, mesmo em contextos de desvalorização, pode ser vista como um ato de resistência e uma tentativa de desestabilizar as estruturas de poder existentes. Mas cabe fazer uma crítica aos efeitos de sentido do termo atrelado a uma experiência direcionada a grupos ditos minoritários. Chamar os jogos com torcida majoritariamente de mulheres de "jogos de punição" revela uma perspectiva de gênero problemática e carregada de estereótipos. Essa denominação, mesmo que aparentemente neutra, perpetua a ideia de que a presença feminina nos estádios é indesejável e representa uma forma de castigo para o clube e seus torcedores.

Em pesquisas anteriores, foi possível notar que, nestes jogos, o clube, o Sport Club do Recife preparou um espaço clubístico associado à mulher no papel de cuidadora (Barreto Januário; Castro, 2023). A sede foi tomada por bonecos infláveis, recreadores e patrocinadores infantis. Pontos de importância da experiência clubística e atmosfera de jogo foram negligenciados ou excluídos, como são exemplos o fato de a cerveja ter acabado na primeira hora de portões abertos, e o pagode tradicional dos dias de jogo de público geral não ter existido no primeiro jogo. Esses fatores corroboram com a perspectiva de vigilância e coerção de corpos femininos (Foucault, 1999), numa perspectiva moralizante. Assim, observa-se o reforço da ideia de que o futebol é um espaço masculino e que a presença das mulheres é uma anomalia, um desvio da norma. Essa visão ignora a história de luta das mulheres para conquistar seu espaço no futebol e perpetua a exclusão das mulheres desse ambiente (Goellner, 2021).

A paisagem sonora dos estádios de futebol

O termo *paisagem sonora* (tradução utilizada no Brasil, desde os anos 1970, para o neologismo original, *soundscape*) foi criado na década de 1960 pelo compositor canadense Raymond Murray Schafer. Ele cunhou a expressão durante as aulas que ministrava na Simon Fraser University (Canadá), e a popularizou internacionalmente em seu livro mais conhecido, *A afinação do mundo* (1977). Para Schafer, a paisagem sonora constitui um campo interdisciplinar de estudo acústico, que pode abranger desde uma peça musical até um ambiente sonoro completo, como o de uma cidade, floresta ou... estádio de futebol. A abordagem de Schafer é eminentemente política; ele argumenta que a paisagem sonora

do mundo está em constante mudança e propõe uma análise sistemática dos diferentes ambientes acústicos, examinando como as mudanças na paisagem sonora afetam o comportamento humano. O canadense destaca a importância de se estudar a paisagem sonora de forma holística, integrando conhecimentos de diversas áreas como acústica, psicoacústica, música, antropologia, sociologia e outras.

No contexto antropológico, a obra de Schafer (2012) destaca a importância da paisagem sonora para o estudo das dinâmicas sociais. O autor argumenta que a paisagem sonora em que vive uma sociedade pode ser compreendida como um indicador de suas condições sociais. Schafer explora as maneiras como diferentes culturas percebem e interagem com ambientes acústicos, mostrando como sons são capazes de influenciar e alterar comportamentos, ajudando a moldar as identidades de grupos sociais. Um dos discípulos mais destacados do pesquisador canadense é o antropólogo e etnomusicólogo estadunidense Steven Feld, que tem explorado a relação entre som, cultura e ambiente em diversas sociedades, com foco na etnografia sonora e na ecologia acústica de comunidades tradicionais.

Feld (2012) realizou um longo estudo etnográfico sobre o povo Kaluli, de Papua Nova Guiné, em que analisou como os nativos experimentam e expressam emoções através do som, com foco em suas práticas cotidianas e rituais. Feld argumenta que os Kaluli expressam emoções através de diferentes formas de vocalização, além de perceber e organizar as atividades da comunidade a partir das sonoridades do ambiente que os cerca, como sons de animais, rios e atividades humanas. *Sound and Sentiment*, publicado pela primeira vez em 1982, é uma obra fundamental para a antropologia do som e da música, que influenciou diversos pesquisadores a explorar a relação entre som, cultura e ambiente em diferentes sociedades. O trabalho de Feld demonstra como a etnografia sonora pode revelar as complexas interações entre a experiência humana e o mundo sonoro.

Os dois autores ajudaram a estabelecer a antropologia sonora como um campo de estudos importante para compreender dinâmicas sociais de grupos urbanos, a partir do início dos anos 1980. Dentre as pesquisas oriundas deste campo de estudos, no Brasil, o trabalho de Pedro Marra (2016) nos interessa diretamente, pois investiga o papel crucial das sonoridades na experiência do futebol, tomando como estudo de caso os jogos do Clube Atlético Mineiro, de Belo Horizonte (MG). O autor se debruça sobre as diversas formas de sons emitidos durante as partidas — cânticos rituais, músicas, gritos de guerra, xingamentos, palavras de ordem — e analisa como estas práticas influenciam a dinâmica construída entre a torcida e o time. Marra argumenta que a torcida, por meio de modulações da performance sonora, participa ativamente da construção do espetáculo futebolístico, sendo capaz de incentivar jogadores do próprio time, intimidar adversários e modificar as dinâmicas de uma partida.

A pesquisa de Marra (2016), que inclui gravação e análise de 21 partidas do clube mineiro entre os anos de 2011 e 2015, buscou compreender como as sonoridades, utilizadas de maneira estratégica pela torcida, podiam contribuir para modular momentos de articulação e desarticulação, influenciando dessa forma o desenrolar da partida. O autor busca analisar como diferentes modalidades sonoras, articuladas através da modificação de três parâmetros acústicos (intensidade, frequência e espacialidade), podem ser manipulados, tornando-se capazes de criar momentos de uníssono, balbúrdia e até mesmo silêncio — não a ausência absoluta de sons, mas um silêncio relativo, "produto de um contraste" (Chion, 2008, p. 50) —, impactando o desempenho dos atletas em campo. Além disso, a pesquisa investiga as relações entre sonoridades e afetos presentes no contexto do futebol, incluindo o respeito ao esporte, a paixão pelo time e a produção de masculinidades.

Pedro Marra (2016, p. 39) introduz a noção de gestos sonoros, definidos como as diversas maneiras pelas quais os torcedores produzem e manipulam sons nos estádios, na tentativa de influenciar o andamento do jogo. Esses gestos são realizados através da modulação dos três parâmetros acústicos

citados anteriormente, e se manifestam em ações como cantar, gritar e bater palmas. O pesquisador argumenta que cada gesto sonoro tem uma função específica no contexto do jogo, podendo ser usado para criar diferentes afetos na torcida e nos jogadores. O canto e as palmas ritmadas, por exemplo, são duas técnicas sônicas que podem ser usadas para gerar momentos de uníssono, intensificando ou reduzindo o ritmo e a energia do time. Já gritos e xingamentos criam momentos de balbúrdia, que funcionam como momentos de alívio de tensão e podem expressar indignação e direcionar instruções aos jogadores.

O autor destaca a importância de entender os gestos sonoros como elementos estratégicos que ora articulam, ora dissolvem dinâmicas sociais e afetivas, tornando a performance da torcida um componente de importância crucial para a construção do espetáculo futebolístico. Além disso, Marra (2016) argumenta que a torcida não é um grupo homogêneo, pois se organiza em diferentes grupos e subgrupos, cada um com práticas e sonoridades distintas, que respondem a variáveis como o resultado parcial do jogo, a posição do time no campeonato e até mesmo a posição dos torcedores na arquibancada. Ele destaca a importância de se compreender a torcida como um conjunto heterogêneo de atores, com diferentes formas de torcer e se relacionar com o time. Afirma, ainda, que as sonoridades são fundamentais para a organização social da torcida, criando identidades e delimitando territórios sonoros (Obici, 2006) e afetivos.

Um desses territórios afetivos sedimenta o futebol como campo de construção de masculinidades, um tema recorrente nos estudos sobre o esporte (Goellner, 2005; 2021; Bandeira, 2010; Pope, 2011). Marra (2016) argumenta que o futebol, especialmente no contexto brasileiro, constitui um espaço social onde normas de gênero são executadas e reforçadas, contribuindo para a produção de uma masculinidade hegemônica, quase sempre associada à heterossexualidade, a partir de afetos que reforçam estereótipos de agressividade e força física. O pesquisador observa que essa construção de masculinidades se manifesta nas sonoridades presentes nos estádios, em especial nos cantos e gritos da torcida. As letras das músicas e os xingamentos frequentemente expressam ideias de virilidade, poder e conquista, enquanto a forma como os sons são emitidos — com gritos guturais, graves e agressivos — reforça a imagem do homem forte e dominador.

O autor também discute como as rivalidades são criadas em termos de gênero. Xingamentos e provocações entre torcedores rivais muitas vezes envolvem insultos homofóbicos e misóginos, reforçando a heteronormatividade e a ideia de que a masculinidade está ligada à dominação e à exclusão daqueles que não se encaixam no padrão heteronormativo. Dentro do contexto de nossa pesquisa etnográfica, os resultados obtidos pela pesquisa de Pedro Marra (2016) oferecem a oportunidade de uma análise comparativa singular, pois nos induz às questões que nortearam nossa prática etnográfica, nas três partidas realizadas pelo Sport Club do Recife sem torcedores homens (que não fossem PCD), em 2023: como a diminuta participação de homens na torcida afetou as dinâmicas afetivas e sociais? Que mudanças na construção e manipulação de gestos sonoros puderam ser percebidas naqueles jogos? Como as normas e papéis de gênero foram performadas pelas torcedoras?

Fazer-se torcedora no futebol: pertencimento e sentidos em disputa

O futebol, como fenômeno sociocultural, exerce papel importante na construção de comportamentos, valores sociais e rituais (Barreto Januário, Castro, 2023). Além disso, legitima e produz sistemas e marcadores culturais, reproduzindo estereótipos e preconceitos presentes na sociedade

(Louro; Neckel, 2005). Louro e Neckel (2005) destacam a importância da cultura na formação das identidades e subjetividades e defendem a necessidade de desafiar os padrões culturais dominantes para promover a valorização das diferenças.

A presença feminina nos estádios de futebol tem evoluído significativamente ao longo das décadas (Bomfim, 2019). As mulheres foram historicamente desencorajadas a frequentar os estádios, sendo relegadas a um papel secundário. No entanto, com o passar do tempo e as mudanças sociais, a presença feminina nos estádios aumentou, de forma gradual. Atualmente, as mulheres ocupam um espaço mais visível nessas arenas esportivas, participando ativamente como torcedoras, profissionais do esporte e até mesmo como jogadoras, demonstrando uma evolução notável na inclusão e participação feminina no ambiente futebolístico.

Nesse contexto, o ambiente clubístico e os espaços futebolísticos, como várzeas, estádios e arenas, configuram-se como locais de construção e exercício de pedagogias próprias, forjadas e legitimadas na cultura futebolística e por cada tipo de prática (Pisani, 2014) ou torcida. Henry Giroux e Peter McLaren (1995, p. 144) afirmam que a pedagogia está presente em qualquer lugar onde o conhecimento é produzido e a experiência é traduzida em verdades. Dessa forma, o processo de socialização das torcidas gera distintos sistemas pedagógicos que determinam os gritos de guerra, cânticos, gestos, silêncios e comportamentos. Essas pedagogias culturais, presentes em instituições disciplinares (Foucault, 1999) como escolas, igrejas e mídias, também se manifestam no futebol.

No caso do futebol, os marcadores de gênero e classe foram preponderantes na construção da cultura e do universo da modalidade. Os arquétipos de masculinidades e virilidades são produzidos por meio de aprendizagens culturais, reforçando a naturalização e legitimação do futebol como um esporte de homens. Essa construção social nos leva a questionar os valores e ideais de masculinidade e feminilidade, que são cotidianamente reforçados por normativas e instituições disciplinares (Foucault, 2004), além de práticas de proibição e coerção de cunho patriarcal (Goellner, 2005). Johanna Von Mühlen e Silvana Goellner (2012) argumentam que o esporte, como qualquer prática cultural, é generificado. A prática e a socialização esportiva são permeadas pela reprodução de ideais e valores associados a masculinidades (virilidade, força, agressividade) e feminilidades (graça, leveza, precisão), o que influencia as vivências e os gostos por determinadas modalidades.

Stacey Pope (2011) ressalta que os esportes têm sido historicamente construídos como um reduto masculino, invisibilizando as mulheres. Nos estudos acadêmicos, a torcida é comumente representada por homens, enquanto as mulheres torcedoras são associadas a uma perspectiva de consumo e fãs, representando um futebol mais seguro e controlado. Essa lógica de gênero dialoga com as práticas do cuidado, delicadeza e solidariedade (Gilligan, 2013).

Aira Bonfim (2019) e Barreto Januário (2019) apontam que o termo "torcida", substantivo feminino, originou-se da presença feminina nos estádios no início do século XX. As mulheres, ao assistirem às partidas, utilizavam luvas como adereços que eram torcidos em momentos de nervosismo ou excitação. No entanto, esse protagonismo feminino na origem da palavra "torcida" foi historicamente apagado, sendo retomado na recente visibilidade pública dada ao futebol de mulheres no Brasil.

A construção da cultura futebolística esteve associada ao silenciamento e afastamento das mulheres (Goellner, 2003; 2005), marcada por proibições e uma cultura patriarcal que impediu a participação feminina nesse esporte. Apesar das proibições, algumas mulheres transgrediram as normas e participaram ativamente das torcidas. Dulce Rosalina é exemplo disto. Torcedora do Vasco da Gama, tornou-se a primeira mulher presidente de uma torcida organizada em 1956 (Costa, 2006; Barreto Januário; Castro, 2023).

O final da década de 1960 marcou o surgimento de torcidas jovens e a diminuição da liderança masculina nas organizadas (Araújo, 2019). Com a retomada da prática do futebol entre as mulheres no final dos anos 1970 e o advento da *internet* nos anos 1990, a visibilidade feminina no futebol aumentou (Araújo, 2019; Frandsen, 2014). O ciberespaço se tornou uma ferramenta de expressão e pertencimento, permitindo que as mulheres se manifestassem e construíssem identidades como torcedoras (Costa, 2006).

Os anos de 2015 e 2016 representaram avanços nas pautas feministas no Brasil (Moraes; Bonfim, 2017), impulsionando o crescimento de grupos e movimentos femininos em torno da cultura torcedora. Ana Carolina Vimeiro (2023) observa que a cultura torcedora, embora geralmente estudada sob a ótica sociológica e cultural, pode ser analisada por perspectivas mais contemporâneas, provenientes do campo da comunicação e dos estudos culturais. Essa abordagem, que coloca o torcedor como produtor de conteúdo, abre um leque de possibilidades para a pesquisa, permitindo investigar as diferentes formas de expressão e interação no universo da torcida.

O impacto da presença feminina na paisagem sonora dos estádios

Em 2023, durante as três partidas que o Sport Club do Recife realizou sem a participação majoritária de homens, com exceção de homens PCDs, a autora estava presente. Fez anotações e gravou trechos das partidas em áudio e vídeo. Posteriormente, coletamos também gravações adicionais, disponibilizadas no portal globoesporte.com e no perfil do clube pernambucano no YouTube. Com o suporte conceitual apresentado nas seções anteriores deste artigo, realizamos a análise dessa matéria-prima, destacando os resultados que apresentamos a seguir.

Decidimos estabelecer, como ponto de partida, a realização de uma análise acústica comparativa entre áudios disponíveis de dois jogos realizados no primeiro semestre, e válidos pelo mesmo torneio, o campeonato brasileiro da Série B, sendo uma partida com torcida mista (homens e mulheres), e outra composta majoritariamente de torcedoras mulheres (incluindo uma minoria de crianças e pessoas com deficiência). Para tanto, escolhemos dois vídeos em que o grito de guerra da torcida do Sport é "puxado" pelos locutores e entoado pelos torcedores, antes do início dos jogos contra Coritiba-PR (26 de abril) e Botafogo-SP (20 de maio). Os jogos ocorreram em intervalo de menos de um mês, no estádio Adelmar da Costa Carvalho.

Depois de recortar o mesmo momento tradicional, repetido imediatamente antes de cada partida do time, pusemos os vídeos lado a lado e os inserimos em um *software* de edição de áudio, chamado iZotope RX. O *software* é capaz de gerar gráficos espectrais coloridos, trazendo informações sobre três parâmetros acústicos fundamentais: tempo, frequências e intensidade. A representação visual do áudio utiliza o eixo horizontal para mostrar o tempo; o eixo vertical para as frequências sonoras, que vão de 20 Hz (graves) a 20.000 Hz (agudos), abrangendo toda a faixa de audição humana. A cor laranja é usada para indicar a intensidade do som em cada frequência. Quanto mais clara a tonalidade, mais intenso o som. A cor preta indica silêncio. Tudo isso pode ser acompanhado em tempo real.

Os espectrogramas indicam diferenças acústicas não apenas audíveis, mas também visíveis, entre os dois jogos. A escuta atenta mostra que o grito de guerra tradicional do Sport surge mais grave na primeira partida e mais agudo na segunda. No jogo com torcida mista, a frequência fundamental (aquela em que se concentra a maior parte da energia acústica) encontra-se na faixa entre 600 e 900 Hz, tendo

uma faixa ainda mais grave, porém discreta, nos 400 Hz (figura 1). Na segunda, apenas com mulheres e crianças, o timbre principal se localiza na faixa entre 800 e 1.300 Hz (figura 2)[4]. Se pudéssemos transpor esses números para a classificação técnica da tessitura (faixa de frequências confortável) de um cantor de ópera, o público da primeira partida seria formado por tenores, cujo timbre é mais gutural e masculino; a segunda, por sopranos, de timbre aveludado e feminino.

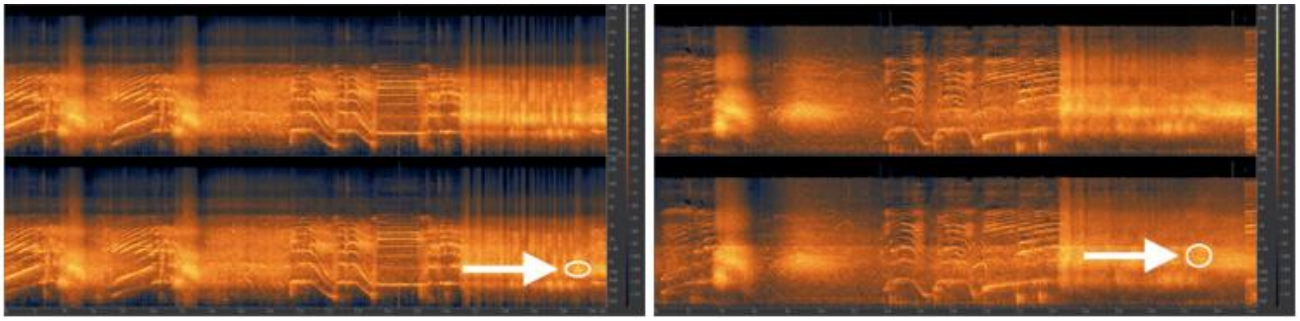

Figura 1: Espectrogramas dos jogos do Sport contra Coritiba-PR e Botafogo-SP, respectivamente. As setas e círculos indicam que a faixa de frequência fundamental do coro da torcida é mais agudo na segunda figura. Fonte: iZotope RX.

Esta constatação objetiva contrasta com uma análise semântica inicial das gravações que mostram a torcida cantando hinos rituais, gritos de guerra tradicionais e cânticos de apoio. Esses momentos de uníssono, normalmente liderados por membros das torcidas organizadas, são utilizados quase sempre como forma de incentivo ao time (Marra, 2016, p. 49); eles atuam, de forma subjacente, como reafirmadores do caráter masculino e heteronormativo do espetáculo futebolístico. Nas três partidas com público majoritário de mulheres, crianças e PCDs, seria normal se as inflexões linguísticas masculinas, presentes nas letras originais das músicas, fossem alteradas, mas isso não ocorreu, mantendo-se o masculino universalizante dos discursos e rituais futebolísticos (Bandeira,2010). O que se ouve com clareza, em diversos momentos das três partidas, são vozes de timbre feminino entoando cânticos com pronomes e vocativos masculinos, desde o grito de guerra principal do clube ("Cazá! Cazá! Cazá!")até o cântico "Eu / Sou rubro-negro / Com muito orgulho / Com muito amor". O que torna a observação participante ainda mais complexa, neste caso, é o misto de emoções geradas pela escuta na autora. Por um lado, houve estranhamento, demonstrando a inescapabilidade dos incômodos forjados pela cultura patriarcal, mesmo por quem a questiona (Bosch *et al.*, 2020). Por outro lado, causou arrepios e olhos marejados esse som agudo de uma torcida formada majoritariamente por mulheres.

Da mesma forma, hinos e canções que possuem letras sugerindo violência contra os rivais ou ironizando de forma humilhante o adversário, em postura tradicionalmente masculina e violenta (Bandeira, 2010), são cantados em uníssono pelas torcidas organizadas. Os xingamentos, com frequência fazendo referências sexuais, masculinas e heteronormativas ("vai tomar no c...", por exemplo), são repetidos por mulheres e crianças de maneira autômata, quase como se não percebessem o caráter misógino e homofóbico das palavras.

Percebemos, também, que os momentos de balbúrdia e xingamentos foram mais raros nos jogos com público de maioria feminina. Importa ressaltar que o único jogo com torcida adversária presente foi o contra o ABC de Natal, no qual houve um breve episódio de tentativa de violência e alguns momentos de trocas de ofensas. Se nos jogos masculinos a paisagem sonora é, em muitas ocasiões,

[4] O vídeo comparativo com os gráficos espectrais pode ser visto aqui: https://youtu.be/WmK_lCQXeOw.

dominada por cânticos agressivos e palavrões, com atmosfera mais tensa e agressiva, nos jogos com público de maioria feminina observamos maior diversidade de sons, incluindo cânticos de incentivo, além de uma atmosfera mais solidária e acolhedora, sem confrontos físicos, bastante comuns em jogos mistos. Tal aspecto dialoga com o processo de socialização da mulher, no qual há uma naturalização das funções sociais historicamente atribuídas às mulheres como a docilidade, abnegação, dedicação, entre outros (Goellner, 2016).

Esta diferença na paisagem sonora, entre jogos com público misto e composto predominantemente por mulheres, parece refletir formas distintas de torcer e vivenciar o espetáculo do futebol, por homens e mulheres, e também aponta para possibilidades de construção de um ambiente mais inclusivo e empoderador nos estádios. Percebemos, nos três jogos analisados, momentos mais longos de confraternização (especialmente no pré-jogo) e presença mais generosa do grito de guerra principal ("Cazá! Cazá! Cazá cazá cazá! / A turma é mesmo boa / É mesmo da fuzarca / Sport, Sport, Sport!"), predominando entre cânticos agressivos. Notamos, ainda, um tipo de interação verbal quase inexistente nas partidas tradicionais: gritos femininos sensualizando os corpos dos atletas, o ex-jogador rubro-negro Vagner Love foi um dos alvos mais recorrentes de gritos como "gostoso" e "lindo", na entrada e na saída do campo.

A dimensão de gênero surge de outra maneira entre as lideranças que "puxam" os cânticos e gritos de guerra. Como nas partidas com público misto, esses cânticos são liderados por integrantes das torcidas organizadas, que ficam normalmente situadas nas arquibancadas gerais, no centro do campo. Isso vai de encontro à observação de Marra (2016, p. 95) sobre a dinâmica sonora nos estádios de Minas Gerais, onde as torcidas organizadas se posicionam atrás das traves. Nos jogos normais do Sport, com a presença majoritária de homens, o "puxador" pertence sempre ao gênero masculino. Nos três jogos que analisamos, contudo, os líderes das coreografias sonoras foram mulheres. Com menor frequência, alguns cânticos espontâneos que se transformam em momentos de uníssono e incentivo foram iniciados por crianças, quase sempre localizadas no setor de cadeiras, espaço normalmente ocupado por famílias, que interagem entre si, comentando o jogo e conversando (Marra, 2016, p. 89).

Nos três jogos analisados, a locução oficial do estádio, posto normalmente ocupado por um homem, oscilou entre uma mulher na primeira partida (Botafogo-SP), uma criança na segunda (ABC-RN), e um homem cego na terceira (Avaí-SC), algo que contribuiu para a percepção de uma atmosfera (Gumbrecht, 2014) mais pacífica e inclusiva, contemplando os três públicos-alvo daquelas partidas. Nesse sentido, cabe destacar que a presença de lideranças femininas em torcidas que não se comportam como organizadas tradicionais, machistas e misóginas, é uma realidade no Sport. O movimento de mulheres torcedoras denominado Elas e o Sport, fundada em 2016, possui declaradamente um papel político junto ao clube, incentivando um debate permanente de gênero. Nesse sentido, a preocupação de seguir uma ética do cuidado feminino, com postura inclusiva. A maior torcida organizada do clube, chamada Torcida Jovem, também tem uma ala feminina, intitulada Leoas da Ilha.

Como citado, a partida contra o ABC de Natal foi marcada por um nível elevado de tensão, tanto dentro quanto fora do campo. O comportamento das torcidas destoou do que se viu na primeira partida, caracterizando-se por xingamentos mais constantes, gestos provocativos e até mesmo tentativa de confronto físico entre torcedoras das cadeiras de ampliação e a área destinada ao time adversário. Mesmo que tenha sido um evento isolado dos três jogos, notou-se a reprodução de comportamentos, discursos e atitudes misóginas, típicas da cultura torcedora masculina (Vimieiro, 2023). A misoginia, entendida como a aversão ou preconceito contra mulheres, é um sistema estrutural que permeia a sociedade e influencia pessoas de todos os gêneros (Bosch *et al.*, 2020). Importa lembrar que mesmo as mulheres, que são alvo desse sistema, podem internalizar essas ideias devido à socialização em contextos

patriarcais. Foram proferidos xingamentos que visavam diminuir outras mulheres com uma lógica de promiscuidade e sexualização, que geralmente se baseia em estereótipos e normas de gênero que associam o valor das mulheres ao seu comportamento social e/ou sua sexualidade. Esses insultos tendem a reforçar a ideia de que a sexualidade feminina deve ser controlada ou está diretamente ligada à honra e ao comportamento considerado aceitável, em uma perspectiva patriarcal (Foucault, 1999).

Neste sentido, algumas considerações comparativas merecem destaque. Notamos diferenças de intensidade sonora e nos modos de expressão sonoros, entre as partidas com público misto e os chamados jogos de punição. Além do timbre mais agudo e suave dos gritos, percebeu-se que as reações aos lances de perigo de gol da partida, em que a intensidade dos gritos aumenta, eram muitas vezes antecipadas em alguns segundos, na comparação com o padrão habitual. Esse comportamento pode indicar uma ruptura de certos rituais futebolísticos tradicionalmente forjados no universo masculino, no qual os homens tendem a ser mais contidos em suas demonstrações emocionais, reflexo de uma herança cultural instituída (Santos, 2015) que remete ao controle e à vigilância dos preceitos de "ser homem", fomentado pelos ideais opressores das masculinidades hegemônicas (Connell, 2020).

Por outro lado, foi identificado também um processo de desconhecimento dos rituais futebolísticos por parte de algumas mulheres, especialmente daquelas que afirmaram ser sua primeira vez no estádio ou que haviam frequentado esses espaços em raras ocasiões. Isso sugere a ausência de uma pedagogia cultural (Giroux; McLaren, 1995; Louro, 2008) dos rituais característicos desse ambiente, apreendidos pela participação e frequência numa determinada cultura. Também observamos o que denominamos "espaços de silêncio": momentos e locais em que vozes femininas eram ausentes ou menos presentes. Essa dinâmica era mais perceptível em determinados espaços geográficos do estádio. Por exemplo, na arquibancada, os rituais e os sons típicos dos momentos de tensão ou emoção eram semelhantes aos encontrados em jogos com torcida mista, neste espaço estavam concentrados movimentos de torcidas e torcidas organizadas, configurando consumidoras assíduas do espetáculo futebolístico. Já nas cadeiras, os silêncios — ou inícios de manifestações antecipadas — eram mais notáveis. Essa diferença pode ser explicada pelo perfil das torcedoras. Nas arquibancadas, predominavam mulheres que eram frequentadoras assíduas e plenamente engajadas no espetáculo clubístico, como são exemplo as torcedoras do Bravas da Ilha ou do Elas e o Sport. Nas cadeiras, havia uma mistura entre torcedoras experientes e iniciantes naquele tipo de ritual, o que pode ter influenciado a intensidade e a forma de expressão nesses espaços.

A divisão das modalidades de torcedoras no estádio, seguindo a classificação de Pedro Marra (2016), seguiu a mesma lógica dos jogos com torcida de gênero misto. O espaço perto da sede do clube foi ocupado por torcidas organizadas e coletivos. Ficam nesses locais torcedores que xingam e se dirigem aos jogadores para incentivar ou criticar. Na área frontal, o público era predominantemente infantil (nas partidas comuns, essa área é tomada por público misto); nas arquibancadas do anel superior e cadeiras, predominam famílias inteiras, com pais e filhos, que conversam entre si e comentam a partida. As dinâmicas sonoras, embora em timbre mais agudo, foram mantidas, em relação aos jogos de torcida mista.

Por fim, consideramos importante fazer algumas observações sobre a assinatura acústica da Ilha do Retiro. Evidentemente, cada estádio de futebol possui uma sonoridade única, obtida a partir da interação dinâmica entre diversos fatores. Uma variável ainda não abordada neste relato consiste das características acústicas físicas do local, que dependem da presença de áreas cobertas, aberturas laterais entre as diversas seções das arquibancadas, materiais predominantes na construção, e outras. O estádio do Sport foi construído em 1937, tem capacidade para 32 mil pessoas, e passou por ampliações nos anos de 1950-1955, 1984 e 1995 (Cavalcanti, 2024). Tem concreto e termoplástico como materiais

predominantes (ambos com grande capacidade de reflexão das ondas sonoras), mas apenas a área das cadeiras, no anel superior de um dos lados do estádio, é coberta. Essa combinação faz da Ilha do Retiro um estádio com baixo nível de reverberação (característica acústica em que as ondas sonoras refletem das paredes e tetos do ambiente, até que sua energia se dissipe). Assim, a ambiência sonora é menos intensa do que em estádios mais cobertos, como a Arena Pernambuco, que, por vezes, sedia alguns jogos do Sport. Nas partidas com público predominante feminino, percebe-se a amplitude sonora geral como menos intensa do que em jogos normais.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, mergulhamos na rica e complexa paisagem sonora das partidas de futebol do Sport Club do Recife, em um contexto singular: a punição que resultou na exclusão dos torcedores homens do estádio. Nosso objetivo principal foi analisar como essa ausência impactou as dinâmicas de comportamento e sociabilidade entre os torcedores, em especial as mulheres, e como isso se refletiu na paisagem sonora do estádio.

Partimos de uma revisão bibliográfica que nos permitiu contextualizar o futebol como um fenômeno sociocultural, historicamente marcado por uma perspectiva masculinista. Exploramos o conceito de paisagem sonora (Schafer, 2012) e sua importância na construção da atmosfera dos estádios e na experiência do torcedor (Marra, 2016). Observamos o conceito de punição (Foucault, 1999) e sua aplicação no âmbito esportivo. Traçamos um panorama das pesquisas sobre a participação feminina nesse universo (Louro; Neckel, 2005; Pope, 2011; Bomfim, 2019; Barreto Januário, Castro, 2023).

A partir da análise dos dados coletados, concluímos que, apesar da ausência física dos homens, a atmosfera sonora dos jogos ainda era permeada por elementos da cultura torcedora (Vimieiro, 2023) tradicionalmente masculina, como cantos e gritos com pronomes e vocativos no masculino e xingamentos homofóbicos. Isso demonstra a força da cultura futebolística hegemônica, misógina e patriarcal, que se mantém mesmo em contextos de mudança na composição do público.

Contudo, observamos também a emergência de uma atmosfera (Gumbrecht, 2014) mais acolhedora e inclusiva, com menos incidência de brigas e xingamentos, remetendo ao processo de docilização da socialização das mulheres em sociedade (Foucault, 1999). As torcedoras demonstraram maior diversidade nos cantos e gritos, incluindo elogios à forma física e aos atributos físicos dos jogadores, que podem remeter a um processo de sexualização dos corpos masculinos, e expressões de carinho e apoio ao time. Esses resultados apontam para a possibilidade de ressignificação da experiência do futebol, a partir da participação feminina, ainda que seja necessário reconhecer as limitações deste estudo, que se concentrou em um contexto específico e em um número limitado de partidas. Outros estudos podem contribuir para a compreensão da complexa relação entre gênero e futebol, e para a desconstrução de estereótipos e preconceitos que ainda permeiam esse universo.

Referências

ARAÚJO, Daniela Torres de. Lugar de mulher é no futebol: Dulce Rosalina e a representatividade feminina nas torcidas. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – PPGCOM, **Universidade Federal Fluminense**, Niterói, 2019.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**, [*s. l.*], v. 15, n. 44, p. 342-351, 2010.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya. (2019). **Mulheres no campo: o ethos da torcedora pernambucana**. São Paulo: Fontenele.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya. Mídia e estudos de gênero: um relato de experiência no ensino de publicidade e propaganda. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 4, n. 6, p. 74-93, 2022.

BONETTI, Alinne de Lima. Etnografia, gênero e poder: antropologia feminista em ação. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, [*s. l.*], v. 14, n. 2, p. 105-122, 2009.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BOSCH, Esperanza; GILI, Margarita; FERRER, Victoria A. **Historia de la misoginia**. Anthropos, 2020.

CAVALCANTI, Marcelo. Viva aos 87 anos de glórias da Ilha do Retiro. **Sport Club do Recife**, 04 jul. 2024. Disponível em https://sportrecife.com.br/blog/viva-aos-87-anos-de-glorias-da-ilha-do-retiro/. Acesso em: 23 dez. 2024.

CHION, Michel. **A audiovisão**. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONNELL, Robert William. **Masculinities**. Routledge, 2020

COSTA, Leda Maria da. O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 13, p. 493-507, 2017.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 2005.

FELD, Steven. Sound and Sentiment: Birds, Weeping, Poetics, and Song in Kaluli Expression. 3rd edition. Durham: Duke University Press, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalhete. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANDSEN, Kirsten. Mediatization of sports. In: LUNDY, Knut (Ed.). **Mediatization of communication**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2014.

GACHTER, Simon; RENNER, Elke; SEFTON, Martin. The long-run benefits of punishment. **Science**, v. 322, n. 5907, p. 1510-1510, 2008.

GILLIGAN, Carol. **La ética del cuidado.** Barcelona: Fundació Víctor Grífols i Lucas, 2013.

GIROUX, Henry A., MCLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T. ; MOREIRA, A. F (Org.) **Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, [*s. l.*], v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, n. 108, p. 29-38, 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, [*s. l.*], v. 27, 2021.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosfera, ambiência, *stimmung***: sobre um potencial oculto da literatura. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [s. l.], n. 5, p. 7-41, 1995.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane. Corpo, gênero e sexualidade: discussões, gênero e sexualidade. **Estudos feministas**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 179-199, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema e sexualidade. **Educação e realidade**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 81-97, 2008.

MARRA, Pedro Silva. **Vou ficar de arquibancada pra sentir mais emoção**: Técnicas sônicas nas dinâmicas de produção de partidas de futebol do Clube Atlético Mineiro. 2016. 207f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em https://ppgcom.uff.br/wp-content/uploads/sites/200/2020/03/tese_doutorado_2016_pedro_silva_marra.pdf. Acesso em: 22 dez. 2024.

MORAES, Carolina Farias; BONFIM, Aira Fernandes. Mulher no Futebol, no campo e nas arquibancadas. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES**, n. 5, 2017, Salvador. Anais eletrônicos... Salvador: UNEB, 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA18_ID1399_07082017191501.pdf. Acesso em: 23 dez. 2024.

OBICI, Giuliano. Condição da escuta: mídias e territórios sonoros. 2006. 152 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, São Paulo, 2006.

ORTNER, Sherry. Entonces,¿ Es la mujer al hombre lo que la naturaleza a la cultura?. **AIBR: Revista de Antropología Iberoamericana**, v. 1, n. 1, p. 12-21, 2006.

PEIXOTO, Victor. Por que só tem mulheres, crianças e PCD no jogo do SPORT? Entenda punição do STJD. **Jornal do Commercio**, 20 mai. 2023. Disponível em https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/torcedor/2023/05/15469113-por-que-so-tem-mulheres-criancas-e-pcd-no-jogo-do-sport-entenda-punicao-do-stjd.html. Acesso em: 22 dez. 2024.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 14, 2014.

POPE, Stacey. 'Like pulling down Durham Cathedral and building a brothel': women as 'new consumer' fans?. **International Review for the Sociology of Sport,** [s. l.], v. 46, n. 4, p. 471-487, 2011.

RODRIGUES, Maria Natália Matias; MENEZES, Jaileila de Araújo. O desafio de pesquisar: reflexões sobre metodologias e feminismo a partir de uma experiência de pesquisa. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10,** 2013, Florianópolis. Anais... Florianópolis: [s. n.], 2013

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. 2a. edição. São Paulo: Edusp, 2012.

TEIXEIRA, Yuri. STJD reduz pena e Sport terá três jogos com apenas mulheres e crianças no estádio. **Folha de Pernambuco**, 31 jan. 2023. Disponível em https://www.folhape.com.br/esportes/stjd-reduz-pena-e-sport-tera-tres-jogos-com-apenas-mulheres-e-criancas/256352/. Acesso em: 22 dez. 2024.

VIMIEIRO, Ana Carolina. TORCEDORES COMO PRODUTORES: POR UMA ABORDAGEM COMUNICACIONAL DAS CULTURAS TORCEDORAS. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 16, n. 1, 2023.

VON MÜHLEN, Johanna Coelho; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte,** [s. l.], v. 34, p. 165-184, 2012.